



Nas entrelinhas

por **Luiz Carlos Azedo**
luizazedo.df@dabr.com.br



maure

Breve manual de geração de crises

Faz parte das atividades de qualquer governo se prevenir contra as crises. Ou seja, se preparar para quando elas ocorrerem, procurando neutralizar seus efeitos negativos e construir saídas positivas. Por isso mesmo, o gerenciamento de crise tem um roteiro bastante conhecido pelos profissionais que lidam com avaliação de risco e comunicação institucional. O beabá é o seguinte: avaliar ambiente interno e externo; (2) realizar um brainstorm para mapear os riscos; (3) medir o grau de probabilidade de ocorrência de risco e seu impacto; (4) definir resposta ao risco mapeado, controles e plano de ação; (5) execução do controle e do plano de ação; (6) validar e testar os mecanismos de controle interno; (7) divulgar a matriz de risco entre seus atores; (8) monitorar os riscos e reavaliar ambiente interno e externo.

Portanto, chega a ser hilário o vazamento do questionário distribuído pela Casa Civil na Esplanada dos Ministérios para se preparar para as investigações da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covi-19, o que seria uma etapa inicial do gerenciamento de risco. Sob responsabilidade do general Luiz Ramos, ministro da Casa Civil, encarregado de coordenar as ações da equipe ministerial, o documento foi elaborado para organizar a defesa do governo Bolsonaro das acusações de negligência na pandemia, mas alguém “mui amigo” tornou público o roteiro.

Nada menos do que 23 possíveis erros graves do governo foram identificados, alguns dos quais estavam fora das cogitações da CPI até agora, que ainda discute um plano de trabalho do qual constam 18 alvos de investigação. Genocídio de populações indígenas, militarização do Ministério da Saúde, descumprimento das orientações do Tribunal de Contas da União, falta de coordenação da aplicação dos recursos federais pela União, negligência na compra de vacinas, minimização da gravidade da pandemia, ausência de incentivos às medidas restritivas, promoção do tratamento precoce sem comprovação científica, militarização da Saúde; falta tipificar os crimes de responsabilidade cometidos.

Assim, o que era para ser a construção de uma blindagem para o Palácio do Planalto, protegendo o presidente Jair Bolsonaro das acusações da oposição, virou um caso antológico de “fogo amigo”, antes mesmo de a CPI ser instalada. Hoje, na primeira reunião da comissão, que será presidida pelo senador Otto Alencar (PSD-BA), o mais velho de seus integrantes, pode haver certa disputa entre governo e oposição, mas está praticamente certo que o senador Omar Azis (PSD-AM) presidirá a CPI, enquanto Renan Calheiros (MDB-AL) será o relator.

Flanando

O roteiro elaborado pela Casa Civil tem uma planilha que assinala com um xis a responsabilidade de cada ministério envolvido na questão. Por exemplo, quando afirma que “o governo federal fabricou e disseminou fake news sobre a pandemia por intermédio de seu gabinete do ódio”, responsabiliza a Advocacia Geral da União (AGU) e o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) pelas respostas à questão. Atribui ao Ministério da Defesa, ao Ministério da Ciência e Tecnologia e à Secretaria de Governo a defesa dos generais Eduardo Pazuello, Braga Netto e demais militares, porque “não apresentaram diretrizes estratégicas para o combate à covid”.

O Palácio do Planalto também entregou na bandeja para a CPI a convocação dos ministros da Economia, Paulo Guedes, e da Cidadania, João Roma, ao elencar o atraso do pagamento do auxílio emergência como uma das falhas do governo a serem investigadas. Futuro relator da CPI, Renan Calheiros até ironizou: “O governo teria economizado mais seguindo esse roteiro antes, em vez de tentar barrar a CPI”. Ex-presidente do Senado, Calheiros é o principal alvo das articulações governistas.

A impossibilidade de evitar a escolha de Renan Calheiros, a estratégia dos apoiadores do presidente Jair Bolsonaro é desacreditá-lo como relator, ao mesmo tempo em que os senadores da base governista, que estão em minoria na comissão, tendam a mudar o foco das atenções para governadores e prefeitos. O problema é que o Palácio do Planalto parece seguir um manual de geração de crises. Fica difícil para os governistas, por exemplo, defender o general Pazuello quando ele é flagrado sem máscara em shopping de Manaus, como se fosse um imprudente flâneur paisano, num périplo descontraído e mundano.

ELEIÇÕES

General afirma que presidente deve procurar outra pessoa para formar chapa à reeleição. A apoiadores, Bolsonaro elogia o ministro Tarcísio Freitas: “Quem sabe São Paulo adote?”

Mourão descarta concorrer a vice

Fabio Rodrigues/Pozzembom/Agência Brasil



Mourão: “Ele vai escolher outra pessoa nessa caminhada para reeleição”

» SARAH TEÓFILO
» INGRID SOARES

O vice-presidente da República, Hamilton Mourão (PRTB), disse ontem que o presidente Jair Bolsonaro irá escolher outro vice para a chapa quando se candidatar à reeleição em 2022. “Até o presente momento, o que eu tenho visto é que ele precisaria de outra pessoa no meu lugar, apesar de ele nunca ter dito isso pessoalmente para mim. Mas a interpretação que eu tenho feito dos sinais que têm sido colocados é de que ele vai escolher outra pessoa para acompanhar ele aí nessa caminhada para reeleição”, afirmou em transmissão ao vivo promovida pelo *Valor Econômico*.

Mourão, então, pontuou que cogita ser candidato a senador pelo estado do Rio Grande do Sul. O vice-presidente disse que pretendia descansar, mas que também vê possibilidade de disputar uma cadeira no Senado, “pelas características do Senado, que estariam muito mais ao encontro da maneira como eu sou e como eu atuo”. “Ter a oportunidade de continuar e auxiliar o país na busca do seu futuro, na busca das reformas que têm que ser feitas para que a gente se liberte da situação que estamos vivendo”, ressaltou.

Questionado se poderia se candidatar a presidente, concorren-

do contra Bolsonaro, ele voltou a afirmar que não existe essa possibilidade. “Por uma questão ética, da maneira como fui formado e criado, como vice dele, eu nunca concorreria contra ele”, frisou. Na semana passada, o vice-presidente já havia dito que não cogitava concorrer contra o presidente em 2022. Na ocasião, ele também afirmou que não descartava a possibilidade de disputar uma cadeira no Senado e que poderia deixar o cargo de vice-presidente antes mesmo do fim do mandato.

Distanciamento

A relação entre Bolsonaro e Mourão é de distanciamento há

algum tempo. Raramente as agendas do presidente e do vice coincidem. Mais recentemente, Mourão nem sequer participou das negociações relacionadas à participação do Brasil na Cúpula dos Líderes sobre o Clima, organizada pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. O general preside o Conselho Nacional da Amazônia Legal. Ontem, Mourão voltou a minimizar o encontro, dizendo que a Cúpula virou uma “grande carta de intenções”.

Outros episódios mostram como a relação entre Bolsonaro e Mourão esfriou. Em fevereiro deste ano, o vice confirmou que não havia sido convidado para uma reunião ministerial. Em

março do ano passado, no início da pandemia, Mourão disse ser favorável ao isolamento social para enfrentar a pandemia. Um dia antes, o presidente havia se posicionado contra as medidas. Bolsonaro então, afirmou: “O presidente sou eu, pô”.

Se Bolsonaro dá sinais, segundo Mourão, de que deve escolher outro companheiro de chapa para 2022, o presidente não se furta a mencionar qualidades de possíveis candidatos. Ontem, em conversa com apoiadores na porta do Palácio do Alvorada, Bolsonaro repetiu elogios ao ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas “O Tarcísio está asfaltando o que pode. A gente está fazendo com menos. Estamos com um probleminha no orçamento. Agora vamos dar uma mexida e recuperar alguma coisa aí, sem furar o teto, ok?”, acrescentou.

O mandatário ainda brincou com outro apoiador, que pediu a ele que desse um recado ao ministro. O eleitor do presidente disse: “Abraço no Tarcísio e diga que ele orgulha a classe dos engenheiros”. Bolsonaro, então, sugeriu que no próximo ano, o ministro poderá concorrer às eleições estaduais como governador de São Paulo.

“Quem sabe São Paulo adote o Tarcísio para o ano que vem?”, disse Bolsonaro, rindo.

Secretaria de Economia

2021 IPVA | SUA CONTRIBUIÇÃO VAI MUITO ALÉM DO TRÂNSITO.

O seu IPVA contribui com melhorias e avanços no Distrito Federal. Com ele, o GDF continua combatendo a covid-19 e ampliando a capacidade de atendimento do sistema de saúde. Além disso, parte da arrecadação também é destinada para a reforma de escolas, construção de novas creches e investimentos em programas sociais.

FINAL DA PLACA	3ª PARCELA	
1 e 2		26/04/2021
3 e 4		27/04/2021
5 e 6		28/04/2021
7 e 8		29/04/2021
9 e 0		30/04/2021

MAIS DE R\$ 260 MILHÕES NO COMBATE À COVID-19

R\$ 110 MILHÕES NA REFORMA DE ESCOLAS E 13 NOVAS CRECHES

MAIS DE R\$ 350 MILHÕES PARA PROGRAMAS SOCIAIS

Acesse www.economia.df.gov.br ou baixe o app **Economia DF**.